

Tipo do Artigo (Revisão)

MÍDIA E DESINFORMAÇÃO: A CONSTRUÇÃO DO "NORMAL" E DO "ABSURDO" NA ERA DIGITAL

Olair Naves de Almeida Júnior¹, Neander de Oliveira Carvalho Filho², Samuel Pinheiro Almeida³, Rogério Rodrigues da Silva^{3*}.

¹ Curso de Psicologia, Centro Universitário Evangélico de Goianésia (UNIEGO).

² Curso de Psicologia, Centro Universitário Evangélico de Goianésia (UNIEGO).

³ Centro Universitário Evangélico de Goianésia (UNIEGO).

* Autor correspondente: psirosilva@gmail.com; Tel.: (62) 99861-0077

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar os impactos das redes sociais e da mídia na formação de padrões sociais e psicológicos, investigando as reconfigurações dos limites entre o que é considerado normal e o que é tido como absurdo na era contemporânea. O estudo consiste em uma pesquisa qualitativa e reflexiva, estruturada a partir da literatura de pensadores como Michel Foucault, Sigmund Freud, Karl Marx e Jacques Lacan, em diálogo com dados empíricos sobre a mídia digital. A investigação explora como a construção histórica da normalidade é hoje mediada e manipulada por algoritmos e pela disseminação de desinformação, fenômenos que potencializam o adoecimento psíquico em prol do lucro mercadológico. Além disso, aborda-se a naturalização do sofrimento no ambiente laboral inerente à quarta revolução industrial, evidenciando que as lógicas do capitalismo de plataforma alienam e exaurem os sujeitos. Os resultados demonstram que a espetacularização da dor e a precarização geram traumas contínuos, frequentemente maquiados por narrativas de humanização empresarial que instrumentalizam a psicologia como ferramenta de controle. Conclui-se que é imperativa a promoção de um letramento midiático e de um posicionamento crítico e ético frente às dinâmicas de consumo, resguardando a saúde mental das exigências ilusórias e adoecedoras da atualidade.

Palavras-chave: Desinformação; Normalidade; Mídia Digital; Psicopatologia; Algoritmos.

Abstract

This article aims to analyze the impacts of social networks and the media on the formation of social and psychological patterns, investigating the reconfigurations of the boundaries between what is considered normal and what is perceived as absurd in the contemporary era. The study consists of qualitative and reflexive research, structured upon the literature of thinkers such as Michel Foucault, Sigmund Freud, Karl Marx, and Jacques Lacan, in dialogue with empirical data regarding digital media. The investigation explores how the historical construction of normality is currently mediated and manipulated by algorithms and the dissemination of misinformation, phenomena that potentiate psychological distress in favor of market profit. Furthermore, it addresses the naturalization of suffering in the work environment inherent to the Fourth Industrial Revolution, highlighting that the logics of platform capitalism alienate and exhaust subjects. The results demonstrate that the spectacularization of pain and precariousness generate continuous traumas, frequently masked by narratives of corporate humanization that instrumentalize psychology as a tool for control. It concludes that the promotion of media literacy and a critical and ethical stance towards consumption dynamics is imperative, safeguarding mental health from the illusory and unhealthy demands of the present day.

Keywords: Misinformation; Normality; Digital Media; Psychopathology; Algorithms.

1. INTRODUÇÃO

As redes sociais, intrinsecamente ligadas ao absurdo, revelam uma contradição entre a promessa de conexão e expressão pessoal e os impactos psicológicos e sociais gerados por seu uso. Embora sejam promovidas como espaços para compartilhar experiências e se conectar, muitas vezes criam um ambiente onde o prazer e o desejo individual são subordinados a métricas de validação. Nesse cenário, as redes sociais promovem um ciclo de comparação constante e busca por aprovação, limitando a liberdade autêntica do indivíduo e gerando sentimentos de alienação e vazio existencial.

A liberdade de expressão nessas plataformas é, na verdade, controlada por algoritmos que moldam comportamentos, restringindo o princípio do prazer ao que é socialmente recompensado e amplamente aceito. O absurdo se manifesta na produção de conteúdo sem sentido ou propósito genuíno, apenas para atender às expectativas de performance e visibilidade. Essa busca incessante por significado transforma desejos em produtos e interações em capital social. Assim, o sentido da produção humana, seja ela intelectual, artística ou social, é frequentemente sufocado pela lógica do consumo e da superficialidade. A introdução deste trabalho busca situar o leitor no debate sobre a normalidade como paradigma social, destacando a relevância do tema e apresentando o contexto em que será explorado. Serão abordados os conceitos-chave relacionados à normalidade e sua construção social, considerando as influências culturais, históricas e sociológicas que moldaram essa noção ao longo do tempo.

A noção de normalidade, conforme discutida por Foucault, evidencia que o que consideramos "normal" é um produto de construções sociais que evoluem ao longo do tempo. Essa perspectiva crítica desafia a ideia de que a normalidade é um estado fixo, destacando como ela é moldada por fatores históricos, culturais e sociais. A transformação dos padrões de normalidade é ilustrada por práticas que hoje são vistas como cruéis ou absurdas. Por exemplo, o tratamento de pessoas com transtornos mentais passou de tortura e encarceramento à medicalização e à busca por terapias mais humanas.

Este artigo fundamenta-se em conteúdo acadêmico derivado de diversas obras de Michel Foucault, além de incorporar reflexões de filósofos e pensadores como Karl Marx e os psicanalistas Jacques Lacan e Sigmund Freud. As contribuições desses autores foram determinantes para a estruturação dos capítulos, cujo objetivo é analisar criticamente as noções de "normal" e "absurdo" nos contextos da mídia, do trabalho e da antropologia. Ademais, a fundamentação quantitativa baseia-se em artigos científicos publicados em revistas indexadas na plataforma SciELO, reconhecida por sua confiabilidade e respaldo acadêmico. Adicionalmente, foram analisadas fontes provenientes do Comitê Judiciário do Governo dos Estados Unidos para a consolidação de fatos relacionados a eventos de influência midiática atribuídos a Mark Zuckerberg durante o ano eleitoral de 2018.

2. MATERIAL E MÉTODOS

A busca por materiais foi realizada com base em recomendações de profissionais acadêmicos, bem como em sites e revistas científicas online, como Scielo e Google Acadêmico. Além disso, foram utilizadas obras de domínio público de pensadores como Michel Foucault, Sigmund Freud e Karl Marx, servindo como referência e embasamento teórico, reflexivo e qualitativo para a elaboração deste artigo. Este artigo possui caráter reflexivo e qualitativo; portanto, não busca apresentar respostas concretas sobre o tema. Em vez disso, analisa situações, contextos e fenômenos que conduzem a uma argumentação fundamentada em embasamentos filosóficos e psicológicos acerca da mídia e de seus efeitos na construção do que é considerado normal e absurdo no cotidiano.

Embora apresente dados empíricos, sua finalidade não é realizar cálculos, coleta de amostras ou análise de grupos. Os dados quantitativos aqui presentes são provenientes de artigos já publicados, os quais servem como base para o desenvolvimento do raciocínio.

3. RESULTADOS

3.1 A normalidade como construto social

A normalidade, longe de ser um estado natural ou imutável, constitui-se como um construto social complexo e dinâmico. Essa noção é moldada por fatores históricos, sociais e culturais, sendo passível de transformações ao longo do tempo e de variações entre diferentes contextos culturais. Assim, ela define os limites entre o que é considerado "normal" e "desviante" em determinados períodos e lugares (Foucault, 1999). Ao longo da história, práticas outrora aceitas como normais tornaram-se, posteriormente, objeto de repúdio ou descrédito, evidenciando a fluidez dessa concepção.

Em diversos períodos, a diversidade foi frequentemente utilizada como justificativa para a patologização de indivíduos. Pessoas com transtornos mentais, por exemplo, foram, em determinadas épocas, submetidas a encarceramento, tortura ou até execução, sob a alegação de possessão demoníaca ou inferioridade. A prática de

intervenções como a lobotomia é hoje considerada bárbara, exemplificando como a medicina pode ser profundamente influenciada por ideias e valores sociais dominantes. Foucault (1954), em uma análise provocativa sobre a relação entre psicologia e loucura, afirma: "A psicologia nunca poderá dizer a verdade sobre a loucura, pois é a loucura que detém a verdade da psicologia".

O embate entre a visão ontológica dos egípcios, que considerava a doença como um elemento externo ao organismo, e a visão dinâmica dos gregos, que a entendia como uma luta interna por equilíbrio, foi amplamente discutido por Canguilhem. Em *O Normal e o Patológico* (1974), o autor argumenta que essas concepções permanecem até hoje entre os médicos e compartilham um ponto em comum: encaram a doença como uma situação polêmica (Canguilhem, 1974).

3.2 A Construção Social da Realidade

A construção social da realidade é um conceito fundamental nas ciências sociais, que explora como as percepções e interpretações que as pessoas têm sobre o mundo são moldadas por interações sociais, contextos culturais e históricos. Esse conceito propõe que a realidade percebida não é uma verdade objetiva, mas sim uma construção coletiva que varia entre diferentes grupos e contextos.

A existência é construída a partir da interação entre indivíduos. Essas interações vão além de simples trocas verbais; envolvem significados, símbolos e normas que são acordados socialmente. As instituições sociais, como a família, a escola e a religião, desempenham um papel crucial na construção da realidade. A linguagem, por sua vez, é um dos principais instrumentos através dos quais a realidade é construída, moldando o pensamento e a comunicação.

3.3 A Construção Social da Realidade

A era digital transformou profundamente a maneira como percebemos e interagimos com o mundo. A internet e as redes sociais, em especial, têm desempenhado um papel central ao moldar percepções e influenciar opiniões de formas complexas e muitas vezes imperceptíveis. Os algoritmos, responsáveis pela personalização de conteúdos online, criam as chamadas "bolhas de filtro", que reforçam crenças preexistentes e limitam o acesso a diferentes perspectivas.

Os veículos de comunicação desempenham um papel significativo na disseminação de informações, impactando diretamente o psicológico das pessoas e contribuindo para a naturalização de comportamentos e ideias absurdas. Como consequência, a sobrecarga informacional cria um ambiente de "infomedia", termo utilizado para descrever o volume excessivo de informações, muitas delas imprecisas ou falsas, o que intensifica os níveis de ansiedade e depressão.

As redes sociais, em particular, facilitam a viralização de vídeos e conteúdos que promovem comportamentos irresponsáveis ou perigosos, como os chamados "desafios" arriscados, a exemplo do jogo "Baleia Azul" surgido na Rússia em 2015. O Facebook, consolidou-se como um espaço relevante para a disseminação de conteúdo político, evidenciado nas eleições americanas de 2016 e pelo escândalo da Cambridge Analytica. A tragédia de um indivíduo se torna entretenimento para milhares de outros, ilustrando os efeitos da espetacularização e do sensacionalismo.

3.4 A mídia e a naturalização do sofrimento no ambiente laboral

Em um contexto sociocultural, histórico e econômico, percebe-se que o sofrimento sempre existiu e foi submetido aos diferentes contextos históricos. O homem para Freud, é um ser de relações naturais e culturais e se modela conforme as condições do meio, estando seus desejos ligados à cultura que o permeia, aplicada aos modos de produção capitalista. No momento em que o homem coopera com as ferramentas de produção capitalistas, ele se separa do produto do seu trabalho.

É diante desse antagonismo de repetições que se encontra o trauma, o ponto cego da vida cotidiana. O trauma é real, e sua presença é constante no cotidiano dos trabalhadores na era da quarta revolução industrial. Nesse cenário, o absurdo evidencia uma problemática que, de forma recorrente, é mascarada e contornada por ferramentas psicológicas alinhadas ao capitalismo de mercado e à chamada humanização empresarial.

3. DISCUSSÃO

A análise dos fenômenos midiáticos e laborais contemporâneos revela que a dicotomia entre o "normal" e o "patológico" transcendeu as instâncias médicas tradicionais, sendo atualmente mediada e reconfigurada pela infraestrutura algorítmica. Ao interpretar criticamente os achados à luz da literatura, observa-se que a maleabilidade da normalidade, postulada historicamente por Foucault, encontra na era digital um novo mecanismo de coerção: não mais o encarceramento físico ou a lobotomia, mas a gestão do desejo e da atenção. A construção social da realidade (Berger & Luckmann, 1966) passa a ser ditada por "bolhas de filtro", nas quais a repetição contínua de conteúdos extremos naturaliza o absurdo, fenômeno que Canguilhem (1974) poderia interpretar não apenas como uma anomalia social, mas como uma luta do corpo social tentando encontrar um novo equilíbrio diante de um ambiente patogênico (infomedia).

Divergindo de visões puramente tecnicistas sobre a internet, os resultados apontam que o sensacionalismo exacerbado e episódios de manipulação de dados, como o escândalo da Cambridge Analytica e a viralização de conteúdos nocivos, não são falhas do sistema, mas o próprio modelo de negócios do capitalismo de vigilância e da economia da atenção. O sujeito contemporâneo é bombardeado por um excesso de informações desreguladas que gera distorções cognitivas e comportamentos de esquivas, confirmando que a desinformação atua diretamente como um vetor de adoecimento psicológico em massa.

No que tange ao ambiente laboral, a discussão ganha densidade ao aproximar os índices contemporâneos de exaustão, evidenciados pela alta prevalência de Síndrome de Burnout associada a cargas horárias insalubres, das perspectivas psicanalíticas e marxistas. O "mal-estar" descrito por Freud (1927), gerado pela repressão dos desejos individuais em prol da civilização, é intensificado no atual modelo neoliberal. O trabalhador, alienado do produto de seu esforço (como apontado por Marx) e seduzido pela retórica de se tornar um "empresário de si mesmo" em plataformas como o iFood, encontra-se aprisionado no que a teoria lacaniana define como o registro do Real. O encontro com o Real no cotidiano de trabalho manifesta-se como um trauma repetitivo: a exaustão ininterrupta, a ausência de garantias e a invisibilidade do patrão, que limitam o princípio do prazer e esvaziam o sentido da produção humana.

Neste ínterim, o estudo levanta uma crítica contundente ao papel da própria psicologia corporativa. Concordando com Safatle (2021), observa-se que ferramentas psicológicas vêm sendo cooptadas para gerir o sofrimento em favor da produtividade, mascarando a precarização sob o véu da "humanização". Em vez de atuar na elaboração dos conflitos intrapsíquicos ou na crítica às condições adoecedoras, terapias de curto prazo e estratégias de recursos humanos são instrumentalizadas para adaptar rapidamente o indivíduo a um meio fundamentalmente insalubre, perpetuando o absurdo ao invés de questioná-lo.

As limitações deste estudo residem em sua natureza qualitativa e filosófica, focada na reflexão teórica sem a pretensão de quantificar a correlação causal direta entre a exposição algorítmica específica e o diagnóstico de psicopatologias na população geral. Além disso, a fluidez das tecnologias digitais impõe que as dinâmicas de poder algorítmico analisadas estejam em constante mutação.

Como implicações teóricas e práticas, os achados reforçam a urgência de uma práxis psicológica que retome seu potencial crítico e desalienante. Perspectivas futuras apontam para a necessidade de transpor essas reflexões acadêmicas para intervenções comunitárias diretas. Iniciativas como a criação de ligas acadêmicas focadas em letramento midiático e acolhimento — promovendo a escuta ativa e a desconstrução de crenças manipuladoras — representam caminhos viáveis e necessários para mitigar os impactos do adoecimento gerado pela desinformação e pela platformização da vida cotidiana.

4. CONCLUSÕES

As conclusões deste estudo evidenciam que a fronteira entre o normal e o absurdo na era digital é continuamente redefinida por lógicas de mercado que priorizam a extração de dados e o engajamento em detrimento da saúde mental. A análise demonstra que a desinformação midiática atua ativamente na fragmentação da realidade, intensificando vulnerabilidades e naturalizando comportamentos nocivos. No âmbito laboral, infere-se que o atual modelo do capitalismo aliena o sujeito do produto do seu esforço, submetendo-o a um esgotamento constante que é frequentemente disfarçado por narrativas de autonomia e "humanização" gerencial.

A prática da psicologia, portanto, não deve ser reduzida a uma mera ferramenta de adaptação do indivíduo a esses cenários insalubres e normativos, mas deve preservar o rigor técnico voltado para a escuta autêntica do sofrimento. A formação acadêmica de novos profissionais e o delineamento das intervenções ganham especial relevância quando orientadas por uma ética que compreenda os efeitos do registro do Real e das exigências simbólicas excessivas sobre o sujeito contemporâneo.

Como perspectiva de aplicação futura, ressalta-se a necessidade de implementar ações estratégicas de acolhimento e educação comunitária voltadas ao letramento digital. Capacitar a população para a filtragem crítica

de conteúdos distorcidos e sensacionalistas apresenta-se como uma medida indispensável para resistir à cristalização das adversidades cotidianas, promovendo intervenções assertivas em prol da saúde coletiva sem priorizar interesses exclusivamente empresariais.

Declaração de conflito de interesse: Os autores devem declarar a existência ou inexistência de conflitos de interesse de natureza financeira, institucional ou pessoal que possam influenciar a interpretação dos resultados apresentados. Na ausência de conflitos, deve ser incluída uma declaração explícita informando que não há conflito de interesse

REFERÊNCIAS

- Barbosa, F. T., Eloi, R. J., Santos, L. M., Leão, B. A., Lima, F. J. C., & Sousa-Rodrigues, C. F. (2017). Correlação entre a carga horária semanal de trabalho com a síndrome de burnout entre os médicos anestesiológicos de Maceió-AL. *Revista Brasileira de Anestesiologia*, 67(2), 115-121.
- Canguilhem, G. (2009). *O normal e o patológico* (6ª ed.). Forense Universitária.
- Costa, P. H. A. (Org.). (2023). *O marxismo e a loucura*. LavraPalavra.
- Foucault, M. (1975). *Doença mental e psicologia*. Tempo Brasileiro.
- Freud, S. (1996). *O futuro de uma ilusão* (J. O. de A. Abreu, Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1927).
- Freud, S. (2010). *Mal-estar na cultura* (J. O. de A. Abreu, Trad.). Imago.
- G1. (2017). *Jogo da Baleia Azul e seus desafios: cinco dicas para prevenção de pais e alunos*. <https://g1.globo.com/educacao/noticia/jogo-da-baleia-azul-e-seus-desafios-cinco-dicas-para-prevencao-de-pais-e-alunos.ghtml>
- iFood. (2024). *Quanto um entregador ganha por hora?* <https://institucional.ifood.com.br/entregadores/quanto-um-entregador-ganha-por-hora/>
- Kierkegaard, S. (2015). *O conceito de angústia*. Vozes do Bolso.
- Lacan, J. (1998). *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (M. D. Magno, Trad., 2ª ed.). Zahar.
- Marx, K. (1858). O crescimento da loucura na Grã-Bretanha. (P. H. Costa, Trad.). *New-York Daily Tribune*, 5407. <https://bit.ly/37zQjoV>
- Rondelli, E., & Herschmann, M. (2000). A mídia e a construção do biográfico: o sensacionalismo da morte em cena. *Tempo Social: Revista de Sociologia da USP*, 12(1), 201-218. <https://bit.ly/tempo-social>
- Safatle, V. (2021). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Boitempo.
- United States. Senate Committee on Commerce, Science, and Transportation. (2018). *Facebook, social media privacy, and the use and abuse of data*. <https://www.commerce.senate.gov/2018/4/facebook-social-media-privacy-and-the-use-and-abuse-of-data>
- United States. Senate Judiciary Committee. (2018). *Facebook, social media privacy, and the use and abuse of data*. <https://www.judiciary.senate.gov/meetings/facebook-social-media-privacy-and-the-use-and-abuse-of-data>
- Vaidhyathan, S. (2018). *Antisocial media: How Facebook disconnects us and undermines democracy*. Oxford University Press.
- Vasconcellos-Silva, P. R., & Castiel, L. D. (2022). As fake news e os sete pecados do capital: uma análise metafórica de vícios no contexto pandêmico da COVID-19. *Cadernos de Saúde Pública*, 38(5), e00195421. <https://doi.org/10.1590/0102-311XPT195421>
- Zuboff, S. (2019). *The age of surveillance capitalism*. PublicAffairs.